

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ROBERTA ARAÚJO

**O AMOR NA MÍSTICA FEMININA MEDIEVAL: MECHTHILD DE MAGDEBURG,
HADEWIJCH DE AMBERES E BEATRIZ DE NAZARÉ**

CAMPINA GRANDE

2014

ROBERTA ARAÚJO

**O AMOR NA MÍSTICA FEMININA MEDIEVAL: MECHTHILD DE MAGDEBURG,
HADEWIJCH DE AMBERES E BEATRIZ DE NAZARÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Dr^a Maria Simone Marinho Nogueira

CAMPINA GRANDE
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

268 Araújo, Roberta

O amor na mística feminina medieval [manuscrito] : Mechthild de Magdeburg, Hadewijch de Amberes e Beatriz de Nazaré / Roberta Araújo. - 2014.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1.Amor 2.união mística 3. mulheres. I. Título.

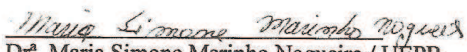
21. ed. CDD 152.41

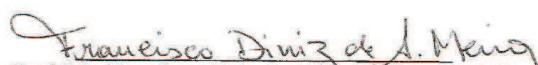
ROBERTA ARAÚJO

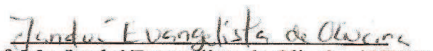
**O amor na mística feminina medieval: Mechthild de Magdeburg,
Hadewijch de Amberes e Beatriz de Nazaré**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 07/03/2014.


Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora


Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Examinador


Prof. Ms. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Reconhecer antes de tudo à necessidade de buscar no outro aquilo que nos falta; agradecer a generosidade de todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização de mais esta etapa da minha caminhada.

Agradeço á deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

Agradeço em especial mãe pelo exemplo silencioso de humildade, perseverança e honestidade.

Agradeço a minha família que me deu conforto e carinho nos momentos que pensei em desistir e ofereço a alegria da minha conquista a tia Margarida, Sueli e Severa.

Sou grata aos meus amigos pelas alegrias e dores compartilhadas. Manoela e Soraia, em vocês encontro a força para buscar sempre meu melhor.

Também agradeço carinhosamente a minhas colegas de curso que se tornaram amigas para a vida toda: Patrícia e Silvia nossa amizade é uma das melhores coisas que me aconteceu e sem vocês essa conquista teria sido bem mais difícil.

Agradeço ainda de forma especial a minha querida orientadora professora Simone Marinho por seus ensinamentos transmitidos com dedicação e paciência. Que ao longo dos cinco anos tornou-se uma grande amiga.

Enfim agradeço todos os professores e colegas pelos momentos que passamos juntos buscando nos tornar pessoas melhores.

O AMOR NA MÍSTICA FEMININA MEDIEVAL: MECHTHILD DE MAGDEBURG, HADEWIJCH DE AMBERES E BEATRIZ DE NAZARÉ

ARAÚJO, Roberta¹

RESUMO

Tratar do amor em sua manifestação mais intensa, vivenciado durante a união mística entre a alma humana e a essência divina. Demonstrado através da escrita de mulheres que viveram no século XIII denominadas trovadoras, pois apropria da delicadeza das canções trovadorescas para demonstrar a magnitude do seu amor, denominado Minne. Concentramos-nos no pensamento de Mechthild de Magdeburg, Hadewijch de Amberes e Beatriz de Nazaré. Estas autoras destacaram-se, dentre outras coisas, por terem escrito em língua vernácula, além de demonstrarem certa independência da igreja oficial. Pertenciam ao movimento laico das beguinas, representantes da mística que mostraram, em suas obras, valores de conduta da cavalaria, tais como honradez, nobreza e serventia. E é através das sutilezas da escrita transgressora das místicas que compreendemos a natureza do inefável.

Palavras – chave: Amor. União. Mística. Mulher. Deus.

¹ Graduanda concluinte do curso de licenciatura em filosofia; membro do *Principium* – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq: sites.uepb.edu.br/principium. *E-mail*: roberta_sb21@hotmail.com

1 – INTRODUÇÃO

A filosofia medieval traz em si peculiaridades e sutilezas. Dispõe de uma reflexão esmerada sobre o homem diante de si mesmo e da relação deste perante o divino. Na incumbência de uma reflexão investigativa sobre isso, trilharemos o caminho da mística feminina que é marcada pela experiência, se manifestando através da linguagem afetiva e ao mesmo tempo propedêutica, que leva a uma culminância comum a todas as místicas: a ideia do amor como plenitude.

Sendo assim, tendo como base os escritos de Mechthild de Magdeburg (1207/1210 - 1282/1294), Hadewijch de Amberes (†1260²), e Beatriz de Nazaré (1200- 1268)³, procuraremos refletir sobre o amor como plenitude. Estas autoras destacaram-se, dentre outras coisas, por terem escrito em língua vernácula, além de demonstrarem certa independência da igreja oficial. Pertenciam ao movimento laico das *beguinhas*, representantes da mística que mostraram, em suas obras, valores de conduta da cavalaria, tais como honradez, nobreza e serventia. Ademais, eram praticantes do que aqui chamamos de mais bela e sutil demonstração do sentimento humano: o amor cortês.

Podemos destacar neste período os movimentos religiosos laicos que se proliferaram por inúmeras partes da Europa, que teve como esteio o desejo por parte dos leigos a uma participação mais ativa na vida religiosa. Estes movimentos adotavam uma forma de vida apostólica, pregando o desprendimento e a caridade. O século XII, portanto, pode ser caracterizado como um período de crise que gerou transformações, além de sociais e econômicas, que também influenciaram a religião pregando a volta a uma conduta semelhante a dos primeiros cristãos, que tinham uma forma de vida mais simples, indo de encontro ao modelo monástico até então vigente.

Segundo Brenda Bolton, pode ser incorreta a afirmação de considerar tais movimentos laicos como movimentos de protesto ou defini-los como seitas, mas o grau e a natureza da sua divergência parecem colocá-los na categoria de movimento herético, pois muitos leigos

² Temos fontes muito reduzidas sobre os dados bibliográficos de Hadewijch de Amberes, pois existem apenas algumas menções em poucos dos seus manuscritos, citando apenas a data aproximada de sua morte.

³ Devido à dificuldade de acesso da maioria dos textos dessas mulheres, trabalharemos, na medida do possível com algumas fontes primárias. Estas, por sua vez, serão complementadas com fontes secundárias que trazem trechos das obras da mística feminina, como CIRLOT e GARÍ, 1999; ÉPINEY-BURGARD e BRUNN, 2007 e GOSSET, 2004.

queriam, além de uma vida apostólica, lançar mão de pregações e conversões, o que não foi bem visto pela igreja que só admitia uma forma de vida religiosa.

Os cristãos leigos, em sua maioria, eram iletrados, no sentido de que não sabiam a língua latina, daí a importância dos escritos na língua de cada país (Mechthild de Magdeburg escreveu em alemão e Hadewijch de Amberes e Beatriz de Nazaré escreveram em holandês). Destacaram-se dentre aqueles movimentos laicos os Valdenses e os Humiliates.

Nesta ebulição pela qual passava a Igreja católica, a “instituição” da heresia tornou-se visível como uma resposta às atividades propostas pelos movimentos laicos dos quais podemos citar a devoção individual e o desenvolvimento espiritual subjetivo expresso, por exemplo, pela pregação na língua vernácula. Obviamente os movimentos laicos não foram exclusivamente femininos, no entanto, o papel dessas mulheres foi decisivo.

Dentre os movimentos laicos, apresenta-se o movimento feminino das beguinhas⁴ que se concentrava, principalmente, nos Países Baixos e na França e que, segundo Bolton, era essencialmente urbano, não possuindo uma regra de vida definida nem um santo fundador. Não lhes advinham qualquer autoridade da hierarquia eclesiástica e não impunham votos irreversíveis a suas seguidoras. Assim, então, podemos dizer que o movimento beguinal foi transgressor e historicamente decisivo no sentido do nascimento de uma autonomia dos movimentos laicos. Pelo menos, atestam Maria Toscano e Germán Ancochea :

O movimento das beguinhas é um dos movimentos mais interessantes e curiosos da história da espiritualidade ocidental. As beguinhas eram geralmente mulheres de classe alta ou classe média alta. Em um momento de tentativa para derrubar um sistema tão estruturado da Igreja e do mundo feudal – como consequência por uma parte do nascimento da sociedade burguesa e por outra a deslegitimação do poder civil, fruto do enfraquecimento religioso – aparece então o desejo de uma certa liberdade interior, liberdade de consciência, a necessidade de que cada homem se expresse por si mesmo (TOSCANO e ANCOCHEA, 2003, p. 79).

Composto por mulheres jovens e adultas, celibatárias, casadas ou viúvas, o movimento beguinal se apresentava no convívio em pequenos grupos chamados “Beguinagens”, geralmente situado ao redor das cidades que emergiam. Combinavam uma vida de oração com o trabalho voluntário a serviço dos pobres, doentes e marginalizados. Apresentava uma espiritualidade leiga, ou seja, compartilhava de certa liberdade no que diz respeito aos cultos e

⁴Esta forma de vida religiosa, extraclaustral e semirreligiosa, teve origem nos países de língua germânica, no vale do Reno, como é o caso de Hadewijch de Amberes, Beatriz de Nazaré e Mechthild de Magdeburg, nos séculos XI e XII. (Cf. TEIXEIRA, 2012. p.52)

aos votos, bem como buscava, ao máximo, seguir uma forma de vida simples. Características singulares que tornaram o movimento, além de transgressor, particular em relação aos demais movimentos. Segundo Calado *apud* NOGUEIRA, 2013, nota 5, p. 159, o movimento das beguinhas “*não tinha um santo fundador, não buscava autorização da hierarquia eclesiástica, não tinha uma constituição ou regulamento, não fazia votos públicos, seus votos eram uma declaração de intenção*”.

Deste movimento fazem parte, dentre outras, Mechthild de Magdeburg, Hadewijch de Amberes, Marguerite Porete e Beatriz de Nazaré (embora esta última não tenha participado efetivamente do movimento das beguinhas, estudou com estas), dentre outras. Todas relatam sua experiência através de uma linguagem afetiva que mostra a união do amante com o amado, ou seja, destas (amantes) com Deus (o amado). Podemos observar tal característica ao ler o que diz Mechthild ao relatar seu encontro com o divino:

Tu és sentimento de amor para meu desejo,/tu és doce refresco para minha sede,/tu és beijo íntimo para minha boca,/tu és beatífico gozo do meu encontro./Eu estou em ti e tu estás em mim,/e não podemos estar mais perto,/posto que nós dois tornamos-nos um só/e estamos fundidos em uma só forma/e permaneceremos eternamente imperturbáveis. (MECHTHILD DE MAGDEBURG *apud* NOGUEIRA, 2013, p. 162)

Sendo uma exceção em sua época, essas mulheres que faziam parte do movimento beguinal possuíam um nível cultural e intelectual elevado, dominando a leitura e a escrita, o que possibilitava o conhecimento aperfeiçoado da literatura teológica (Sagradas Escrituras), além da cultura e literatura trovadoresca de cavalaria e estudos acerca da Filosofia, em especial a metafísica e os escritos dos filósofos-místicos como pseudo-Dionísio, Bernardo de Claraval e Guilherme de Saint-Thierry.

A associação da literatura profana com a sagrada proporcionou um embasamento sofisticado para a construção da produção das mulheres escritoras que, em seus escritos, como vimos, descrevem de forma bela e sutil a experiência do encontro com seu “objeto de desejo”: Deus. Assim, podemos dizer que essa escrita feminina apresenta três características que lhe são peculiares: a transgressão, o afeto e o gênero. A primeira por apresentar uma crítica aos costumes (já começando com o uso da língua vernácula e não do latim); a segunda por ser utilizada a linguagem afetiva (que em muitos aspectos alcança o erotismo) para a exortação do amado e, finalmente, por remeter a uma possível literatura de gênero, no sentido de se fazer uma melhor compreensão da alma humana por meio da sua sensibilidade, pelo menos assim podemos depreender da citação abaixo:

Parece-me que esta é a razão/de que uma mulher seja boa aos olhos de Deus:/na simplicidade de sua compreensão,/seu coração doce, seu espírito mais débil,/são mais facilmente iluminados em seu interior,/de modo que em seu desejo compreende melhor/a sabedoria que emana do céu/que um homem duro/que nisto é mais torpe (LAMBERTO *apud* ÉPINEY-BURGARD e BRUNN, 2007, p. 13).

Podemos acrescentar, ainda, em relação ao terceiro aspecto da escrita feminina, que o movimento beguinal tinha como exemplo as primeiras mulheres da Igreja: Maria, a mãe de Jesus e Maria Madalena, a pecadora convertida. A primeira considerada mãe da Igreja, símbolo de pureza, como colocam TOSCANO e ANCOCHEA, 2003, p.15: “*Maria, cujo estado virginal simboliza a ausência de ego e manifesta um coração livre no qual pode habitar o Espírito - recebe a visita dele, anunciando os planos de Deus*”. Já a segunda é citada nas Escrituras Sagradas como a primeira criatura a contemplar a ressurreição do Senhor, podendo assim ser considerada um modelo de desprendimento e resignação, como é demonstrado pelo ato de entrega, pondo-se aos pés do Mestre. Carregada de simbologia, a redenção de Madalena é notificada como comprovação da misericórdia divina: “*Maria se apresenta como uma “raptada” que chega a experiência do amor e a união de forma espontânea, sem seguir um caminho estabelecido.* (Idem, p.23).

Ao tomar tais mulheres como modelo, fica claro que espiritualidade vivenciada pelas beguinhas ocorre com intensidade, a servidão a Deus e o conhecimento do Senhor em sua intimidade aproximam as mulheres escritoras das *mulheres da igreja*. Pois assim como Maria e Maria Madalena, essas mulheres desfrutaram, conforme seus relatos, da real presença de Deus, e divulgar a experiência do literal contato com o divino torna-se uma missão que foi desempenhada com esmero e paixão. Pois, tendo uma perfeita integração do discurso expresso com a experiência espiritual, as beguinhas permitem-se elevar-se a uma *фина* contemplação. Nos referimos a sutileza do encontro amoroso entre a mulher e seu amado. Esse encontro, ao mesmo tempo que é intenso, é sutil, isso gera uma certa contradição, mas como os místicos não tem a preocupação de seguir uma lógica, certamente o que diferencia o culto das beguinhas dos demais movimentos laicos e da própria Igreja é a reciprocidade, ou seja, essas mulheres amam de forma sublime enquanto se sentem também amadas com a mesma intensidade.

Tendo o século XII como pano de fundo, período marcado pela expansão, inovação e resignação, onde a voz feminina raramente era ouvida, a mística medieval, através de seus escritos, demonstra de forma bela o caminho da união humana com o divino. Assim, quando

falamos em mística, utilizamos, além do seu significado etimológico⁵ também o conceito de total entrega e despojamento na comunhão com a essência da divindade de forma pura. Como escreve NOGUEIRA, 2013, p.157:

Podemos dizer que o termo mística, por mais transformações e desgastes que tenha sofrido ao longo do tempo, ainda traz consigo a ideia que remete para o seu sentido etimológico, ou seja, mística deriva do verbo grego *myô*, que significa fechar-se. Sem parecer forçado, podemos relacionar a noção de tal verbo à ideia de recolher-se. Ora, o místico é aquele que se recolhe e que neste recolhimento se despoja de tudo que pode constituir um empecilho no caminho de sua união com o divino

Assim, os místicos se desprendem dos medos da contradição e da obrigação de uma lógica a ser seguida, pois a forma que temos de apreciar essa experiência é através dos relatos e dos manuscritos que são limitados à lógica da linguística. Desta forma, teríamos um primeiro problema, pois a linguagem em sua limitação não consegue delimitar o infinito, ou seja, tentar através da linguagem dizer o que é indizível, ou como escreve Marguerite Porete, é como se quiséssemos iluminar o sol com uma lanterna.

Assim, buscamos trazer à tona a discussão de uma mística livre de estereótipos que, de forma equivocada, é constantemente associada a discursos falaciosos ou tendenciosos, pois a falta de conhecimento sobre este tema faz com que esta seja vista como algo contraditório e sem nexos, no entanto, a preocupação da mística é expor sua experiência, sem a preocupação da existência de uma coerência da linguagem discursiva, ou seja, o místico não se sente na obrigação de explicar e justificar aquilo que afirma. Buscamos, ainda, retirá-la do pesado estigma de *mot maldit*, palavra maldita, pois seu significado ainda é associado à obscuridade, ao falacioso, sinônimo de negação da verdade.

A mística vivenciada pelas mulheres trovadoras⁶ é, como coloca Toscano, “*uma mística de fruição e de uma fruição da essência*”, que significa usufruir, desfrutar, gozar em plenitude uma coisa e obter plenamente a união mística com o amado. Isto ocorre com o desprendimento das amarras impostas ao corpo para dar origem ao ser verdadeiro, renovado, conhecedor da verdade sobre o divino e principalmente sobre si mesmo. Em outras palavras, vivenciar a mística para as beguinhas é deixar de existir nas sombras obscuras para coexistir com Deus na resplandecência da luz: “*Esta é a mística das beguinhas e esta é a mística da essência. É a mística do encontro de duas realidades que estão chamadas a encontrar-se ou,*

⁵ Aqui mostramos o significado literal da palavra mística, definida brevemente como aquilo que a mente humana tem dificuldade de explicar.

⁶ São chamadas trovadoras pela semelhança dos seus escritos com as cantigas trovadorescas de exaltação ao ser amado, salientando que o papel exercido pela dama cortejada pelos trovadores é ocupado por Deus.

dito de outro modo, a reencontrar-se desde a eternidade” (TOSCANO e ANCOCHEA, 2003, p.77).

Assim, diante da descrição da experiência mística do encontro da alma feminina com o amado, podemos destacar três pontos importantes: 1. o caráter propedêutico do amor, pois nossas autoras fazem deste instrumento a possibilidade de um desenvolvimento intelectual; 2. a demonstração do sublime amor como ponte de ligação da alma humana (*feminino*) com o divino (*masculino*) que ocorre quando a alma apaixonada despoja-se diante da contemplação do seu amante; 3. a escala da experiência erótica que proporciona um desprendimento da alma humana para alcançar Deus. Citemos Hadewijch que em uma de suas cartas exemplifica a experiência das doces horas de vivência diante do fino amor:

A natureza da qual procede o amor estabeleceu doze horas para incitar ao amor para que saia de si para devolvê-lo logo a si mesmo. E, ao voltar a si mesmo o amor traz consigo todos os despojos dessas horas paradoxais, ou seja, um espírito inquieto, um coração sedento e uma alma amante. (HADEWIJCH *apud* CIRLOT e GARÍ, 1999, p. 102)

Ao realizar uma reflexão acerca das ideias postas pelas místicas, podemos trazer à tona preceitos do requintado pensamento filosófico, pois em seus escritos encontram-se demonstrados a inquietude do espírito que busca o autoconhecimento para, assim, conseguir desvelar os labirintos da sua existência, característica esta compartilhada pelos mais brilhantes filósofos. Além da demonstração da alma humana que sedenta de conhecimento encontra na união mística a via para encontrar a satisfação para sanar os anseios em busca da felicidade.

A peculiaridade dos escritos das trovadoras, além de serem caracterizados por sua escrita erótica (são verdadeiramente escritos repletos de explanações de amor, o que demonstra a paixão vivenciada pelas escritoras), é o fato de serem também escritos filosóficos de grande relevância no que diz respeito ao amor. Desta forma, nada mais apropriado, já que nosso intuito é observar a relação da alma humana com a divindade que é expressa através do amor ou, em outras palavras, o conhecimento da essência da alma humana que, se utilizando também dos processos racionais, demonstra, através do amor, a relação entre amar e conhecer.

No contexto místico este ganha um significação particular, sendo a mistura harmoniosa do amor divinal (*ágape – caritas*) com o amor corpóreo (*eros – amor*), que resulta no amor “sutil”, a *Minne*. E, é acerca da natureza do sentimento vivenciado por nossas

escritoras que buscamos mostrar como aquele se torna caminho para a contemplação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento filosófico.

2 - O AMOR CORTÊS E A MINNE: A MISTURA DA SUTILEZA COM A INTENSIDADE.

Quando falamos em amor no período do medievo de imediato associamos ao amor cortês, ou *fin'amour*, símbolo de delicadeza e gentileza, podendo ser considerado o modelo de conduta da relação amorosa entre o amante e o amado. Em sua concepção original, a literatura trovadora, que em seus cânticos apresenta a linguagem afetiva-comtemplativa, é exclusivamente masculina. Sendo representado na figura de um jovem, sem esposa legítima, que corteja com a intenção de tomá-la, uma dama, isto é uma mulher casada, logo, inacessível, inconquistável, protegida por regras de uma sociedade onde a valorização masculina do feminino era ostensiva para todas as esferas sociais, o que gerava o repúdio ao adultério feminino passível de castigos à mulher e ao seu cúmplice.

Conforme coloca o historiador Jacques Le GOFF (1985, p.60): “*o amor delicado é um jogo, que se assemelha a um torneio, onde o jovem arrisca sua vida com o intuito de demonstrar seu valor*”. Tal jogo é vencido quando o adversário é derrubado, ficando sob o domínio do vencedor. Posto isto, quando verificamos com minúcia as obras das escritoras laicas, fica evidente seu caráter transgressor, pois se apropriando da linguagem cavaleiresca e tomando para si uma linguagem mais “senhorial” (no sentido de ser senhora da sua vontade), ou seja, as trovadoras em seus escritos exercem papéis que na sociedade era desfrutado apenas por homens; o que é um fato notável, pois conseguem se fazer ouvir em uma sociedade onde a mulher era tida como inferior principalmente intelectualmente, sendo comumente chamada de *sexo débil*.

Outro ponto que deve ser observado é o caráter pedagógico do amor cortês, pois não é à toa o uso do termo “jovem”, quando observamos o perfil do trovador, um homem jovem, que compunha trovas para exaltar sua amada, podemos aferir que além da pouca idade, este ainda não detinha o conhecimento para contemplar diretamente seu objeto de desejo; o que, guardadas as devidas proporções, também pode ser aplicado às nossas escritoras, pois estas também apresentam inicialmente um conhecimento superficial da essência divina, adquirindo o mesmo gradativamente com a vivência do encontro amoroso com seu amante (Deus). Assim

demonstram BURGARD e BRUNN, quando fazem referência a Beatriz, que nos coloca a existência de sete graus da alma para atingir a contemplação do divino:

A evolução de Beatriz se mostra segundo um esquema tradicional, descrevendo os estágios de principiante, proficiente e perfeito. Contudo, o mesmo tipo de acontecimento se encontra em cada etapa, mas em um nível diferente: as penitências, as manifestações extáticas, as visões. (ÉPINEY-BURGARD e BRUNN, 2007, p. 125).

Quando aferimos o amor que as místicas descrevem, como o meio pelo qual encontramos o esclarecimento diante da obscuridade e um viabilizador para a compreensão do inefável, temos o amor denominado *Minne* que, de difícil tradução para nossa língua, encontra no glossário dos *Sermões* alemães de Mestre Eckhart, conforme Amaral, (2012, p.58) sua melhor definição para nosso contexto: “*refere-se à essência, ao âmago visceral de Deus, a deidade propriamente dita*”⁷. Ainda, continua a estudiosa:

Toda etimologia dessa palavra e todo seu parentesco grego e latino estão relacionados com o sentido dado por São Boaventura ao vocábulo – *Mens(-tis), nous, mente* – que designa o nível mais alto de liberdade no ser humano, *o seu ápice, no e através do qual o ser humano é tomado por Deus e penetra para dentro de Deus.* (AMARAL, 2012, p.58)

Buscamos então demonstrar para o entendimento do amor na mística que *Minne* deverá ser uma bem sucedida união da linguagem metafísica com a linguagem profana dos trovadores, chegando assim a uma linguagem peculiar que se mostra erótica (*amor*) e ao mesmo tempo sagrada (*caritas*). Como escreve AMARAL, 2008, p.113.

A mudança na posição dentro da relação de amor entre Deus e o ser humano, na mística feminina, dá-se diante da colocação, na linguagem do fino amor (*fin’amour*) do protagonista masculino em direção a seu objeto de desejo personificado na personagem feminina para construir uma nova forma de apreensão do mistério do amor entre Deus e a pessoa humana.

O surgimento da linguagem mística-cortês vem nos mostrar a ambígua denominação de amor, pois o amor cortês derivado do lirismo é gradativamente impregnado com extratos da escrita teológica e filosófica, em outras palavras, o resultado da mistura do fino amor, a *Minne*, é o que podemos chamar de “reescrita” da literatura trovadoresca; pois o papel e o perfil da dama são invertidos, sabendo que esta é colocada como uma mulher inacessível que

⁷ Para uma descrição mais detalhada do vocábulo *Minne*, recomendamos GIACHINI, 2006, p. 344-347 (Glossário dos *Sermões alemães* de Mestre Eckhart).

é disputada quase que como um objeto, passa a ser aquela que corteja seu objeto de desejo, porém sem perder a delicadeza do amor cortês, assumindo assim a forma mais pura do amor sutil. Assim, a literatura mística se mostra no papel de reelaboradora das relações entre o masculino e o feminino.

O significado do amor para experiência das místicas é perfeitamente colocado na máxima de Hadewijch de Amberes: “*O amor é o começo, meio e fim do caminho, do místico é sua própria estrada. [...] Assim como a sua vida é dominada por amor, é o seu discurso*” (HADEWIJCH *apud* PALUMBO, 2008, nota 31, p.275). Desta feita, podemos compreender que o amor cantado pelos trovadores é efetivamente vivenciado pelas místicas, pois mesmo tendo se apropriado da literatura cortês que contempla um amor inacessível, de longe, para a mística feminina ele é realmente sentido⁸ com intensidade e fruição, como podemos ver nesta outra citação de Hadewijch:

Levar o amor é, com efeito, desejá-lo, preferi-lo, definhir por causa dele, servi-lhe, consumir-se sem descanso no exercício de uma vontade ardente. Sentir-lhe é entregar-se à consciência do amor na pura liberdade. Mas o mais alto é ser amor. (HADEWIJCH, 2005, p.53)⁹

Assim fica demonstrada a forma peculiar de amor, resultado da união harmoniosa entre a delicadeza advinda do fino amor com o amor místico (*Minne*), marcado pela intensidade pelo qual é vivenciado (alma e corpo); tendo como ponte a linguagem erótica que propicia o roteiro do caminho rumo ao deleite do encontro amoroso entre a amada e o amante.

3 - HADEWIJCH DE AMBERES –A TORMENTA DO AMOR

Considerada um exemplo perfeito quando buscamos descrever uma *mujer trovadora* (beguina), Hadewijch de Amberes nos expõe em seus escritos – em língua vernácula (holandês médio – distribuídos em *Poemas, Visões e Cartas*, sua experiência com o divino, onde o processo de aniquilamento pelo qual passa sua alma diante de seu amado (Deus) corre paralelamente à sua ocultação entre os homens.

⁸ É fundamental compreender que sentir, para as místicas, é realmente vivenciar através dos sentidos o seu amado, sendo por ele abarcada física e intelectualmente. (a mística vê, toca, beija seu amado).

⁹ Há uma nota da tradutora no final desta citação que diz: “Esta expressão se encontra também nos *Sete modos do amor*, de Beatriz de Nazaré. Se discute sobre a influência de Hadewijch em Beatriz ou o inverso, dados os numerosos paralelismos, concordâncias temáticas e terminológicas”. (ORTEGA, 2005, nota 2, p. 53)

Da sua biografia nada sabemos de forma direta, do pouco que nos chegou podemos deduzir que pertencia a uma família nobre, o que lhe proporcionou uma sólida formação cultural, dominando além do holandês, o latim e o francês. Tendo conhecimento dos costumes da nobreza era admiradora da conduta da cavalaria, bem como da literatura trovadoresca (o que é visivelmente demonstrado na descrição que faz da relação com o amado). Pertencia a uma ordem secular, tendo se dedicado à caridade, foi perseguida e ameaçada de expulsão e prisão. Em sua formação filosófica percebemos a clara influência do neoplatonismo com os escritos de pseudo-Dionísio e teológico/filosófico com o pensamento de Guillaume de Saint-Thierry e Hildeberto de Lavardin. É considerada mestra para a comunidade das beguinhas e procura ressaltar a intelectualidade que é colocada como fonte do processo espiritual.

Sendo uma das estrelas da constelação brilhante das mulheres escritoras dos séculos XII e XIV, apresenta em seus escritos pontos marcantes da busca do contato da alma humana com o divino, o que também gerou a busca por novas linguagens para expressar a experiência da fé. Assim, a holandesa é considerada a primeira escritora da língua flamenga, sendo a responsável pela inauguração do novo gênero literário: a "poesia cortês espiritual" ou "mística cortês". Vale salientar que além de ser uma obra filosófica, os escritos de Hadewijch são, acima de tudo, uma obra poética, o que lhe proporcionou tornar-se uma das melhores poetisas da língua holandesa até os dias atuais.

Os poemas de Hadewijch são considerados como “testemunho[s] privilegiado[s] da transposição do amor cortês para o amor divino”. Nem a lírica latina, nem o discurso escolástico poderiam conter a “tormenta ou fúria do amor” que experimentava esta mulher em seu interior. Por isso Hadewijch recorre à criação de um novo gênero que surge da fusão da lírica dos trovadores com a teologia cisterciense, em sua vertente nupcial e especulativa. Ao integrar a forma provençal com a mística nupcial e a mística do ser, ela cria uma nova linguagem, a mística-cortês, em que o Amor, Minne, a Dama-Amor, é o nome feminino de Deus e o Desejo sua parte masculina (PALUMBO, 2008, p.273.)

Apresentando em seus escritos estilos diversificados (prosa e verso), é difícil estabelecer a cronologia correta dos seus textos. Assim, optamos por dissertar inicialmente acerca dos *poemas*. Divididos em 45 poemas estróficos (*Strofischer Gedichten*) e 16 poemas que alternavam rimas masculinas e femininas¹⁰ (*Mengeldichten*). Em tais escritos o amor (*Minne*) é apresentado com duas significações, uma feminina, onde *Minne* é representado por uma *persona*, uma dama que, unida aos valores da cortesia da cavalaria, apresenta-se em um “jogo” entre a amada e o amante. A outra significação é a masculina, quando nossa autora faz

¹⁰É a classificação da rima de acordo com a tonicidade, são rimas masculinas quando a rima acontece em palavras oxítonas ou monossílabas e femininas quando a rima acontece em palavras paroxítonas.

referência ao amor divino, ou seja, a personificação do desejo. “*Hadewijch se desdobrará entre sua própria busca humana, amor ao Amor, e a transcendência de um amor que se dá escapando da influência do amante*”. (ÉPINEY-BURGARD E BRUNN, 2007, p.158.)

A doutrina espiritual também se encontra no decorrer das suas 35 Cartas. Hadewijch irá aprofundando sua união com o amado através de sucessivas etapas, pois quando a alma humana contempla o ser amado encontra-se completa, totalmente despojada mediante sua própria essência. A escrita de Hadewijch acontece em um espaço invisível: a interioridade na qual reside a experiência mística. A experiência descrita é dividida em dois momentos: o momento de presença, onde nossa mística descreve o encontro quase físico com o amado, ou seja, uma espécie de fusão transcendente do humano com o divino. Alternadamente ao momento de fruição, Hadewijch descreve o momento de ausência, o que por ela é chamado de o “esvaziamento da alma” que irá definir como a tormenta da alma, ou seja, a expressão da dor causada por não ser capaz de encontrar o objeto de desejo: “*Tão pronto longe, tão pronto perto;/ Quem o apreende na fidelidade do amor/ está no regozijo:!/ Como de um só golpe,/Amor abraça e golpeia*”¹¹.

A caminhada rumo à contemplação deve começar com a cortesia, “*Se queres conquistar o amado deve primeiro cortejá-lo com uma conduta nobre e constantemente nobre*”¹². Como em um jogo, a amante busca seu amado ora cortejando, ora sendo cortejada, neste sentido podemos afirmar que a alma está imersa em uma alegria e dor iguais, em uma coincidência perfeita dos opostos. Esse percurso é descrito nas Cartas de Hadewijch a suas irmãs beguinas. Como podemos ver a seguir:

Pois o medo de não merecer um amor tão grande suscita em nossa humanidade a tempestade de um desejo sem piedade. [...] Quando o amor brotar de novo, vos direi mais sobre estas coisas. (HADEWIJCH *apud* OLAÑETA, 2004, p.45-49)

Segundo Hadewijch, a *bem aventurada*, a experiência espiritual é iniciada com uma espécie de iluminação, pois o amor necessita de certo tempo para atingir a perfeição. Logo, de acordo com ÉPINEY-BURGARD E BRUNN, Hadewijch insere o que chamamos de *pedagogia de tempo*, comparando o caminho da busca do ser amado às etapas da gestação de Jesus por Maria.

¹¹Poema V (HADEWIJCH *apud* ÉPINEYBURGARD E BRUNN, 2007, p.176)

¹²Carta XXI (HADEWIJCH *apud* ÉPINEYBURGARD E BRUNN, 2007, p.166)

No processo de desapego a razão exerce um papel basilar, pois fornece discernimento para a compreensão da perfeição de Deus. Assim, podemos afirmar que a razão iluminada pelo amor leva a alma humana da escuridão à visão perfeita do amado.

Amor e razão estão lado a lado: a segunda ensina o primeiro que, por sua vez, a ilumina.[...] O amor toca o ser de Deus na medida em que se abandona a Ele, subsumindo-se no abismo oculto a qualquer ser, e onde tem lugar a fruição.(HADEWIJCH *apud* ÉPINEY-BURGARD E BRUNN, 2007, p.168).

Desta forma, o encontro em plenitude ocorre quando a amante pode gozar da presença do amado através do encontro que envolve a percepção intelectual e afetiva, ou seja, uma experiência nupcial gerada pelo amor e percebida pelos sentidos físicos, bem como pelos mais sensíveis meios de captação da alma. Após o êxtase, a alma vivencia um repouso (um silêncio), no qual podemos dizer ser o momento da fusão do humano com o divino. Assim nos diz Hadewijch de Amberes: “*A Essência de Deus é sua unidade, a unidade é a totalidade, a totalidade é a manifestação, a manifestação é a glória, a glória é a fruição, a fruição é a eternidade*”¹³.

De tais aferições podemos perceber dois pontos importantes da doutrina da dama da poesia: a reciprocidade do amor divinal, pois a alma feminina que vivencia o êxtase ama e se sente amada, simultaneamente, e o papel pedagógico do amor para a experiência mística, que coloca a razão como guia e finalmente o despojamento que proporciona o encontro com o ser amado propiciando à alma humana o êxtase místico, que gera o silêncio paradoxal por ser o resultado da descrição do inefável.

4 -BEATRIZ DE NAZARÉ: OS SETE GRAUS DO AMOR

Monja cisterciense, nascida em 1200, em Tirlmont, na diocese de Lieja, (atual Bélgica), Beatriz iniciou a vida religiosa pelas mãos das beguinhas. Teve também uma forte formação cultural, pois conhecia o *trivium*, que compreendia gramática, retórica e dialética; e o *quadrivium*¹⁴ que consistia no conhecimento das disciplinas de música, aritmética, geometria, astronomia. Aos quinze anos converte-se noviça entrando para o convento, onde

¹³Carta XXVIII (HADEWIJCH *apud* CIRLOT E GARÍ, 1999, p.101)

¹⁴ O trivium e o quadrivium são foram a base do conhecimento acadêmico durante o medievo, o que ratifica os dados que afirmam que Beatriz era de família abastada e recebera uma sólida educação, o que era incomum entre as mulheres desta época.

inicia a prática da escrita. Praticante da vida celibatária, em seus relatos bibliográficos percebemos como encontrou a serenidade da alma na submissão a Deus.

Sua experiência é relatada desde o caminho inicial até a contemplação de Deus, tendo como condutor a *Minne* (o amor), que proporciona a liberdade para o espírito. Mesmo assim, Beatriz usa a razão para compreender a natureza da deidade e isso é relatado nas descrições dos êxtases que encontramos sobre Beatriz: “*Raptada em êxtase, Beatriz [...] fixa seus olhos de contemplação na incompreensível essência divina, contemplando maravilhosamente com o olho da mente o supremo, incriado, verdadeiro Deus [...]*”.¹⁵

Na citação supracitada temos uma característica marcante da escrita mística, o relato de uma contemplação direta, que no caso de Beatriz é viabilizado pelo “olho da mente”, ou seja, pela sua razão que proporciona a compreensão dos caminhos mostrados pelo espírito divino rumo à contemplação da realidade suprema, como podemos ler a seguir:

A alma examina minuciosamente o que é e o que deve ser, / o que tem e o que falta/ cheia de zelo e de ardente desejo,/com toda a sagacidade de que é capaz/ procura guardar-se e evitar/ tudo o que possa ser obstáculo/ às obras do amor. (BEATRIZ, 2004, p.37)

Sua principal obra se intitulada *Os sete modos do amor*. Escrita em holandês médio é considerada a primeira obra em prosa de língua batava. Seus escritos foram divulgados depois de longo tempo após sua morte. Mesmo assim, foram considerados obras primas do medievo e alvo de pesquisas na contemporaneidade.

Beatriz de Nazaré é contemporânea de Hadewijch de Amberes e de Mechthild de Magdeburg. Centrou o seu discurso no desejo de Deus, guiado pelo punho da razão. Conjuntamente as suas contemporâneas são representantes da mística nupcial, pois em suas epígrafes relata o caminho que deve ser percorrido pela alma em uma escala gradual de elevação da mesma visando o encontro com o ser amado. Não é ao acaso, portanto, que a obra de Beatriz, já no próprio título, aborda a ideia de gradação, sendo constituída por sete estágios.

Segundo Beatriz, a escola espiritual do desejo é irradiada por Deus, pois “*Existem sete modos do santo amor,/que vem do mais alto e volta para o alto* (BEATRIZ, 2004, p.37). Como

¹⁵ Trecho retirado da Vida de Beatriz escrita pelo capelão do mosteiro de Nazaré, poucos anos após a morte da trovadora, baseada nos escritos autobiográficos hoje desaparecidos. Para a vida de Beatriz, CIRLOT E GARÍ, 1999, p. 107-138.

podemos notar, é como se fosse um “caminho circular” e, por isso, apesar de falarmos em gradação e o próprio título da obra nos dar esta noção, como afirmam TOSCANO e ANCOCHEA, 2003, p. 97, não se trata, propriamente de uma gradação que se apresente em momentos distintos. Mesmo assim, há uma certa progressão entre o primeiro e os demais modos, uma vez que a atração divina (primeiro modo) é que inicia a obra de purificação e o último modo se apresenta como resultado da recapitulação de todos os demais.

Buscando a compreensão do caminho percorrido pela alma humana, em Beatriz, observamos que inicialmente as vivências da alma são como uma avenida de ida e volta e que nos mostra o amor como um “ciclo”: ao mesmo tempo em que se esvazia, paradoxalmente, transborda em um êxtase místico:

Experimenta uma intimidade nova com Deus,/uma iluminação do espírito,/um maravilhoso excesso de gozo,/uma nobre liberdade/ e uma necessidade íntima de obedecer ao amor./Conhece, então, a plenitude e a superabundância./Sente que todas suas faculdades pertencem ao Amor,/que sua vontade é amor,/se encontra submergida, abismada no amor,/engolida por ele:/ela mesma não é mais que amor. (BEATRIZ, 2004, p.43-44)

Como podemos notar, parece que, quanto mais a alma é abismada, submergida, engolida, ou seja, esvaziada de si mesma, mais ela pertence ao Amor, *num maravilhoso excesso de gozo*, chegando mesmo a tê-lo em plenitude, já que *ela mesma não é mais que amor*. Deste modo, alma e Amor tornam-se um só e, para chegar neste ponto, como vimos, a alma analisa e vai descartando tudo que possa aparecer como obstáculo a essa união.

5 - MECHTHILD DE MAGDEBURG – O AMOR VISCERAL QUE GUIA A DOCE QUEDA

Mechthild de Magdeburg, a grande, foi uma escritora laica, fez parte do movimento beguinal, nascida nas proximidades de Magdeburg (na atual Alemanha) no ano de 1208 e deixa a casa dos pais aos 23 anos para viver como beguina. Apenas na maturidade, em 1250, começa a escrever sua única obra *A Luz Fluente da Deidade*, com o título original, *Das fliessende Licht der Gottheit*, redigindo do Livro I ao Livro V, (conforme Amaral, 2011) até 1259. Depois de alguns anos, entre 1270 e 1271, redige o livro VI. Depois entra para o convento de Helfta, concluindo sua obra (o livro VII), no mesmo ano de sua morte, em 1282. Foi perseguida pela igreja tendo de se refugiar para não enfrentar a fogueira da inquisição. A

exemplo de Hadewijch de Amberes, foi influenciada pelo neoplatonismo dos escritos de pseudo-Dionísio e pelo pensamento de Guillaume de Saint-Thierry e Hildeberto de Lavardin. Apesar desta influência e, portanto, de toda sua formação, se auto intitulava inculta por não ter estudado latim e teologia.

Tendo escrito em sua língua vernácula, o alemão, o que indicava uma sólida formação cultural, já que pertencia a uma família de posses, provavelmente fidalga a serviço da guarda castelar, ostentava, nesta época, largo prestígio e posse de terras. Independente de suas posses, traz consigo a demonstração da sua concepção de amor, fazendo referência à eternidade como desdobramento da união mística contemplada com a via amorosa da linguagem.

Assim, o conhecimento, que em Mechthild é delimitado por aquilo que o homem pode racionalizar acerca de Deus, é obtido através da experiência do encontro íntimo- amoroso da alma feminina com seu esposo apaixonado (Deus). *“todo nosso conhecimento, sem o fogo do amor, é arrogância e hipocrisia”*. (MAGDEBURG *apud* AMARAL, 2011, p.56). Sua obra é considerada como um dos primeiros escritos em língua vernácula, na Alemanha, por uma mulher. Tendo escrito em primeira pessoa, *A Luz Fluente da Deidade* trata de uma série de poemas que se alternam com uma prosa narrativa que, de forma simbólica, relata uma sequência de diálogos entre Deus e a Alma, a Dama-Amor, fazendo uso, também, de figuras alegóricas como a fidelidade. Também são expressos os sentimentos vivenciados, como o sofrimento presenciado no purgatório e a alegria inefável da união mística durante o percurso da alma que vai ao encontro da fruição da presença divina ocorrida numa realidade superior, como podemos ver a seguir:

Quando a pobre alma chega à corte, se mostra prudente e cortês, e olha para seu Deus com alegria. Ah! Com quanto amor ela a recebe ali! Ela cala, desejando imensamente que Ele a acolha. Ele, então, lhe mostra com intenso desejo seu coração divino. [...] Assim é a viagem à corte da alma amante, que já não pode estar sem Deus. (MECHTHILD *apud* ÉPINEYBURGARD E BRUNN, 2007, p.108)

Neste caso não será inoportuno considerar Mechthild uma mulher iluminada¹⁶, pois trata de uma entrega incondicional a Deus viabilizada pelo desapego que proporciona à alma o contato direto com a face divina, deixando assim esta compensada pelo deleite de contemplar a paz, ou seja, o amor eterno, como nos é narrado em cinco pontos: *“Oh! Deus,*

¹⁶ Para Mechthild a iluminação está relacionada com a permanência da “presença” de Deus diante da alma humana, e ao mesmo tempo a “ausência” do próprio ego em favor da tomada de sua alma pelo amor divino.

que te derramas em teu dom! [...] que resplandesces em teu amor! [...] que ardes em teu desejo! [...] que te fundes em união com o amado! [...] que repousa entre meus seios, sem ti não posso ser!” (MECHTHILD *apud* ÉPINEYBURGARD E BRUNN, 2007, p.109).

Em seu discurso observamos ainda a contemplação direta, tal feito observado na passagem do diálogo das figuras simbólicas, Dama Fidelidade e Dama amor : “*Então o Pai do céu falou à alma: Pensa em tudo que tens sentido e o que tens visto quando nada havia entre mim e ti!*” (MAGDEBURG *apud* , ÉPINEYBURGARD E BRUNN, 2007, p.115). Para compreender os relatos da experiência da mística renana, temos que levar em consideração que a união da qual fala Mechthild é uma união das essências, ou seja, a fusão da natureza divina com a natureza humana. Assim, o amor se concretiza de forma *recíproca*: a alma feminina ama e é amada de forma intensa. “*Mechthild descreve essa mutualidade como contínua e verdadeiramente única: uma união de profundidade abissal na qual a alma torna-se completamente equalizada ao Amado e ao Amante Infinito.*” (AMARAL, 2011, p.56)

Esse encontro ocorre fora das medidas tempo, na realidade suprema onde as definições de tempo e espaço estão aquém do nosso conhecimento, onde não é necessária a essência de uma coerência lógica para o encontro dos amantes.

Mechthild inicia seus escritos descrevendo a mudança em sua alma a partir do instante em que seu coração é tocado pelo amor divino, ainda durante sua infância. Essa relação, ao mesmo tempo em que é benéfica, também acarreta um sofrimento para nossa autora, pois a alma passa por um processo de arrependimento e resignação para contemplar a face divina: esse processo é comparado por Mechthild com a *Paixão de Cristo*, que para ascender ao altíssimo passa pelo calvário.

A ação do amor coincide com o reconhecimento da alma de seu desejo, de sua constituição necessariamente disponível, atrativa e desejanse, entregue a Deus. Mas a alma, debatendo-se nesta lamentação, só se conforma com esse estado desejoso quando lhe é permitida, pelo amor, a posse dele mesmo (*então, me possui*). Só assim ela é capaz de compreender tal sofrimento, sendo essa ação o próprio sofrimento. E esse diálogo não é um capricho linguístico ou textual: é a expressão do sofrimento da alma em consonância com o sofrimento da paixão de Cristo (*você devorou minha carne e meu sangue*). A alma é tomada por *minne* (amor e desejo) a partir dessa união mística que garante essa unidade, da qual falamos. (Amaral, 2011, p.54.)

Em seguida a pensadora passa a descrever as visões do seu amado, ocorrendo uma maior intimidade, ao mesmo tempo que provoca em Mechthild uma “*coincidência vazia*”, ou

seja, um esvaziamento da alma , ao mesmo tempo que cresce o desejo de ser desprezada pelo amado.

O sofrimento gerado pelo desprezo será a via de encontro entre ela e Deus, pois o calvário pela qual passa a alma a purifica e a resigna, tornando-a livre para o encontro com o divino. Desta forma, também a misericórdia de Deus se demonstra através da *Minne*, levando a mística ao mais alto grau de êxtase, o gozo místico.

Ainda segundo CIRLOT e GARÍ: “*a mística de Mechthild apresenta uma estrutura formada por três sequências: 1 o imediatismo da união mística da alma com Deus ; 2 o estranhamento da alma com respeito a Deus; 3 a reconciliação dialética de união e estranhamento*”(1999, p.159). O primeiro ponto está relacionado com a utilização de imagens que proporcionam uma rápida associação do pensamento inefável com a realidade; o segundo mostra o estranhamento da alma diante da natureza divina, pois, ao mesmo tempo que deseja a presença do amado, sabe que suas naturezas são incompatíveis fora da união mística; no terceiro ponto encontramos a peculiaridade do pensamento de Mechthild, *a mística do declínio*, que consiste no relato da alma que literalmente desce aos infernos (um mergulho diante de si mesmo), inunda-se de obscuridade e através da *Minne* consegue a transformação da alma que encontra a *Luz* (Deus). Assim, a aniquilação da alma encontra na união da sua natureza com a natureza divina do seu amado a pura fruição, o verdadeiro gozo, como podemos perceber na citação a seguir: “*Oh, Senhor, na profundidade da pura humildade não posso escapar de ti, mas no orgulho poderia esquecer de ti. Quanto mais profundo caio, mas suavemente (docemente) bebo*”. (MECHTHILD *apud* CIRLOT e GARÍ, 1999, p.162)

Da resplandecência do amor¹⁷, que acontece pelo amor visceral, a alma obtém o descanso, a paz verdadeira que se concretiza pelo na plenitude do amor, quando alma pertence somente a Deus, como nos diz Mechthild: “*Tive que deixar tudo para me aproximar de Deus,/ que é meu Pai por natureza,/meu Irmão por humanidade, meu Esposo por amor,/e eu sou sua sem começo*”. (MECHTHILD *apud* TOSCANO e ANCOCHEA, 2003, p.103.)

¹⁷ Para Mechthild “Amor” e “Deus” se diferenciam apenas na linguagem.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escritoras apresentadas, também chamadas trovadoras: Hadewijch de Amberes, Beatriz de Nazaré e Mechthild de Magdeburg deram voz ao coro de vozes femininas que se destacam nos séculos XII e XIII com seus estudos na filosofia e na teologia monástica do século XIII, tendo em seus escritos a refinada relação da alma feminina com seu amante divinal, utilizando-se de formas poéticas, nas línguas vernáculas, adotaram a conduta do amor cortês para expressar a sua experiência de Deus.

As místicas apresentam um papel transgressor ao romper o “silêncio” ao qual estavam submetidas, pois, ao vivenciar o encontro místico nupcial, conseguem abarcar Deus em si mesmas, contemplando a presença divina em seus corpos e suas almas. O processo pelo qual passaram nossas autoras as tornaram resignadas e aniquiladas, possibilitando encontrar o silêncio emitido no instante da fusão da realidade corpórea com a realidade divina, e neste silêncio transpuseram, de alguma forma, o abismo que se coloca na compreensão da natureza do inefável.

A presença divina pode, igualmente, ser percebida sob o signo do silêncio e este não expressa somente um emudecimento, mas a possibilidade e a plenitude de todos os discursos e de todos os sentidos que de alguma forma querem dizer o indizível. (NOGUEIRA, 2013, p.170)

Tendo inaugurado uma nova corrente literária (que influenciará também a filosofia), a escrita dessas mulheres se apropria da delicadeza das canções trovadorescas para demonstrar a magnitude do seu amor, denominado *Minne*. Este amor que é a via pela qual a alma humana busca sua plenitude durante o deleite do encontro com o amado. Amor que representa, de alguma forma, a força de vários amores e se expressa na linguagem do amor de Deus cantada por nossas mulheres:

O fino amor, o amor cortês, o desejo, a distância, a falta, a loucura, o amor violento, o amor insano, o verdadeiro Amor, o aniquilamento, estão lavrados na linguagem da experiência do amor de Deus na alma. (AMARAL, 2011, p.55.)

Cronologicamente, apesar da falta de dados biográficos mais completos de Hadewijch de Amberes, as três são contemporâneas. Não é ao acaso, portanto, que as três mostraram-nos em seus escritos características da época em que viveram, transcrevendo com maestria a

relação do humano com o sagrado; não sendo à toa, também, as semelhanças que podemos encontrar nos seus textos.

Desta forma, tentamos mostrar (com uma certa ousadia, mas também com humildade e sem maiores pretensões) um pouco do amor em cada autora, evidenciando suas peculiaridades, semelhanças e diferenças. Podemos afirmar que elas têm em comum, além da escrita místico-cortês; o percurso realizado que culminava, invariavelmente, em sua aniquilação, seu esvaziamento, em um lugar onde não se sentia nem gozo nem dor, onde o eu fora vencido, a alma e o corpo se uniam, para assim alcançar Deus; Ademais, o desejo em fundir-se com o Amado foi outro ponto em comum encontrado nos seus discursos: “*seu discurso não é amor dividido entre o desejo de posse e não posse, mas por um desejo de que o mais se faz mais intenso. É a loucura do amor, a fúria do amor*” (PALUMBO, 2011, p.19).

As beguinas Mechthild e Hadewijch assemelham-se por demonstrar na sua união com o sagrado a presença da experiência carnal e espiritual no caminho para a experiência de união com Deus. Além disso, a linguagem erótica que povoa os seus escritos relata uma experiência que é realmente vivida e não só teorizada, muito embora, uma espécie de teoria nos seja relatada. Assim, de forma simbólica e na nossa interpretação, podemos dizer que os percursos realizados por nossas pensadoras são, também, caminhos em busca do conhecimento de Deus.

Desta forma, analisando os escritos das mulheres (mesmo que alguns tenham sido avaliados indiretamente), chegamos à conclusão que, apesar de terem vivido na Idade Média, ainda hoje são relevantes quando vamos pensar no homem enquanto ser que busca conhecer a si mesmo, buscando conhecer Deus. O instrumento para filosofar destas místicas foi o amor, que as fez transcender da realidade limitada para fruição infinita, não abrindo mão da razão, mas unido-a ao afeto, para assim compreender e dizer, à sua maneira, o inefável, afinal, como nos diz Mechthild, mas é bem representativo também de Hadewijch e de Beatriz: “*Este livro foi começado com amor e tem de ser concluído com amor, pois não há nada / tão sábio/ tão santo/ tão glorioso/ tão intenso/tão perfeito como é o amor.*”(MAGDEBURG *apud*, CIRLOT e GARÍ, 1999, p.159)

Referências bibliográficas

- AMARAL, Maria José Caldeira do. *Eros e Ágape – Minne: O cúmulo do amor na luz fluente da deidade*”. 2008.202f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC, São Paulo. 2008.
- AMARAL, Maria José Caldeira do. *Minne: o âmago visceral de Deus em Mechthild von Magdeburg*. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Caminhos da Mística*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 51-74
- _____. AMARAL, Maria José Caldeira do. *Mechthild de Magdeburg, mestra e mãe da mística renana*. Revista do Instituto Humanitas Usininos. Ano XI. 19.12.2011. ISSN 1981-8769. Pg.50-56.
- BEATRIZ DE NAZARET. *Los siete modos de amor*. Trad. Mária T. Ortega. Barcelona: Olañeta, 2004.
- BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- CIRLOT, Victoria e GARÍ, Blanca. *La mirada interior. Escritoras místicas y visionarias em La edad media*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1999.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. “A presença de mulheres intelectuais no pensamento filosófico – religioso medieval”. In: *Revista Kairós*. Fortaleza, ano II, n. 1, p. 101-125, jan./jun 2005. ISSN 1807-5096.
- ELIZONDO, Felisa. *Hildegard e Hadewijch: mística da luz viva, mística do amor*. Revista do Instituto Humanitas Usininos. Ano XI. 19.12.2011. ISSN 1981-8769. Pg.46 - 49.
- ÉPINEY-BURGARD, G. e BRUNN, Émile Zum. *Mujeres trovadoras de Dios– Uma tradición silenciada de la Europa medieval*. Trad. de A. López e M. Tabuyo. Barcelona: Paidós, 2007.
- GIACHINI, Enio Paulo. *Glossário comentado dos Sermões Alemães de Mestre Eckhart*. Vol. 1., Petrópolis: Vozes, 2006, p. 327-364.
- GOSSET, Thierry. *Mujeres místicas. Época medieval*. Trad. Esteve Serra. Barcelona: Olañeta, 2004.
- HADEWIJCH DE AMBERES. *Visiones*. Trad. María T. Ortega. Barcelona: Olañeta, 2005.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- MICHELAZZO, José Carlos. “Mística, Heresia e Metafísica”. In: F. TEIXEIRA (Org.). *Caminhos da Mística*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 261-279.
- NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão”. Revista *Mirabilia* Ano XIV. 15/10/2013. ISSN 1676-5818 Pg.154- 163.

In:http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_07.pdf<acessado em 04/ 12 / 2013.

_____. Maria Simone Marinho. “Dizer o indizível: a mística medieval enquanto transgressão da linguagem ordinária”. In: Jornadas de Filosofia Medieval – Ciclo 2012/Nacional 2. Campina Grande/Paraíba. Jornadas de Filosofia Medieval – Anais eletrônicos. UEPB e Principium, 2012, p.110-120.

PALUMBO, Cecília Inês. *Desborde y herida de amor em la poesía mística de Hadewijch de Amberes*. Revista Teología. Tomo XLVI. Nº 99. Agosto 2009: 267-280

In: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/desborde-y-herida-de-amor-en-la-poesia-mistica-de-hadewijch-de-amberes.pdf> (acessado em 10/ 01/2014).

PALUMBO, Cecília Inês. *Los siete modos de amor de Beatriz de Nazaret*. Revista Teología . Tomo XLVII.Nº104.Abril2011: 111-123. In:<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/greenstone/cgi-bin/library.cgi?a=d&c=Revistas&d=siete-modos-amor-beatriz-nazareth>

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Caminhos da Mística*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TOSCANO, María e ANCOCHEA, Germán. *Mujeres em busca del Amado*. Barcelona: Obelisco, 2003.